

## 008. UMA NOVA AGENDA PARA A REVOLUÇÃO FEMININA

Marcelo Barros

Monge beneditino, escritor

Arcelina Helena

A quase totalidade da produção agrícola que alimenta o povo da África é semeada, cultivada, colhida e preparada por mulheres. Mesmo grávidas ou com filhos recém-nascidos amarrados às costas, as africanas não temem o sol tropical, nem o peso da enxada ou a escassez de água. ONGs e os organismos internacionais, há muitos anos, preferem investir na formação, educação e organização das mulheres do campo, na África e nos outros continentes. O investimento em projetos de promoção da mulher traz resultados de curto prazo que repercutem, logo, na sobrevivência das famílias. Um voluntário, com 30 anos de serviços na África e dezenas de aldeias, assim resumiu o seu amor e a sua visão de um futuro possível para esse continente tão sofrido:

“No mundo inteiro, a humanidade deveria erigir monumentos a mulher africana. Ela gera a vida e depois, com cuidado de mãe, a preserva em meio às guerras, miséria, doenças. A solução para a África passa forçosamente pelo reconhecimento e fortalecimento do papel da mulher em todos os níveis sociais, econômicos e políticos.” Os monumentos às mulheres deveriam reforçar, nos traços do seu rosto, suas características geradoras e preservadoras da vida, sua generosidade materna, solidária e seu instinto naturalmente pacifista. As que geram a vida, não desejam ver seus filhos mortos em guerras absurdas, ou no desespero do desemprego que leva à criminalidade e às drogas.

No Brasil, as mulheres iniciaram o século analfabetas, sem direito ao voto, economicamente dependentes, em tudo submissas ao homem e julgadas inferiores ao lado das crianças e dos índios. Cem anos foram suficientes para desmontar todos esses preconceitos, conquistar espaços na política, na economia, na produção cultural. A revolução feminina do século XX, no Brasil e no mundo, representa, sem dúvida um salto de qualidade na história da humanidade.

Mas a mulher, geradora de vida e amante da paz, não se sente bem neste mundo dilacerado por guerras, corridas armamentistas, ausência de solidariedade entre os povos, domínio da intolerância, destruição da vida e da natureza. Como não se sentia bem no mundo que a oprimia e a discriminava.

Uma nova agenda passa a predominar os movimentos feministas, com propostas voltadas para ecologia e para a paz. É possível prever, para breve esperamos, uma nova revolução de mulheres liderando um movimento internacional pela paz e contra tudo que destrói a vida. A sabedoria popular está sempre a lembrar que metade do mundo é constituída de mulheres e que a outra metade por filhos de mulher. As mulheres são a maioria em instituições que formam os corações e as mentes: nas escolas primárias, nos serviços voluntários e da área de saúde, nas Igrejas. Agora conquistaram a maioria em outros setores, como os meios de comunicação de massa. Mas as mulheres são, principalmente, a forte presença nos lares, local da primeira formação das crianças.

A nova revolução das mulheres pode questionar o serviço militar e propor, em substituição, um serviço social. Pode diminuir a audiência de todos os programas de TV que valorizam a violência e exigir a utilização dos meios de comunicação de massa para projetos culturais e de educação. Pode questionar o orçamento da união que destina mais verbas para os projetos de guerra do que para os de paz.

As mulheres podem, sim, neste oito de março, não só afirmar que um outro mundo é possível, mas também lidera-lo no caminho da paz e da justiça para todos. E os homens que amam a vida e as mulheres poderão aproveitar essa revolução para se libertar do machismo que também os oprime. E, finalmente, desfrutarem todos, homens e mulheres, das belezas da criação de Deus e da criatividade dos humanos, numa grande roda de ternura e cuidado mútuo por todos os seres vivos.